

TRADUÇÃO

LITERATURA BRASILEIRA NA REPÚBLICA TCHECA: TRADUÇÕES

- ŠÁRKA GRAUOVÁ

UNIVERSIDADE CAROLINA (PRAGA)

Embora o interesse tcheco pelo Brasil tenha surgido logo no século XVI, com a tradução do livro de Jean de Léry, intitulado *História de uma Viagem Feita à Terra do Brasil*, efetuada pelos “irmãos da Morávia” Pavel Slovák e Matěj Cyrus, a atenção duradoura à literatura brasileira remonta apenas aos meados do século XX.

Até então, o Brasil e os países da atual República Tcheca representavam universos distantes, travando relações apenas esporádicas: embora os primeiros cursos de língua portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Carolina em Praga datem de 1928, o primeiro curso curricular de “Filologia Portuguesa” na então Tchecoslováquia abriu na Universidade Carolina (Carolus IV) de Praga pela primeira vez em 1957. Os primeiros tradutores foram, regra geral, romancistas que adquiriram conhecimento passivo de português ou, pelo contrário, diplomatas, comerciantes ou técnicos que aprenderam português nos países de língua portuguesa mas careciam de preparação linguística e literária.

AS PRIMÍCIAS

Nos anos de 1930, foram publicadas duas traduções para o tcheco que fazem pensar como poderia ter sido a recepção da literatura brasileira no país se não fosse a II Grande Guerra e o golpe comunista em 1948.

O troféu da primeira tradução pertence, por incrível que pareça na ótica contemporânea, a *Bugrinha*, de Afrânio Peixoto (orig. 1922, traduzido em 1934 como *Divoška*, provavelmente a partir do francês), primeira incursão no exotismo brasileiro. O segundo livro traduzido já é produto de uma sensibilidade diferente, ligada à crise dos anos de 1930: *O cortiço*, de Aluísio Azevedo (orig.

1890, trad. 1938 como *Brazilský dům*), publicado em 1938. A tradução revela que, nesses anos, o Brasil suscitava interesse como uma destinação possível dos emigrantes tchecos.

TRADUÇÃO NOS TEMPOS DE “SOCIALISMO REAL” (1948-1989)

Nos anos do regime socialista, podem-se distinguir três fases da recepção tcheca das obras literárias escritas no Brasil, fases essas que correspondem aos meandros da vida política e cultural do país na segunda metade do século XX:

- 1) o período seguinte à virada comunista (1948);
- 2) o período de abrandamento progressivo do regime, propiciado pelo fim do culto à personalidade de Stalin, denunciado em 1956;
- 3) e, por fim, a assim chamada “normalização”, período posterior à invasão das tropas do Pacto de Varsóvia, em agosto de 1968, caracterizado pela restauração das condições prevalentes antes da liberalização dos anos 1960 e, especialmente, pela Primavera de Praga.

APÓS O GOLPE (1948-1959): ÉPOCA DO STALINISMO

O golpe comunista de fevereiro de 1948 levou à nacionalização ou à cassação das editoras privadas e a um controle total da produção editorial tanto por censura prévia como por um esquema de racionamento do papel, motivado por outras razões que não econômicas. Num sistema de planos quinquenais, os livros aprovados nessa época continuaram sendo publicados até o final da década.

A característica principal do período foi a valorização dos temas sociais, majoritariamente tratados sob um viés fortemente ideológico. O que poderia parecer uma incompreensível expansão repentina do interesse pela literatura brasileira foi, na verdade, o resultado da estadia de Jorge Amado na Tchecoslováquia. O escritor baiano passou, juntamente com sua esposa Zélia Gattai e a família, dois anos no palácio da União dos Escritores Tchechoslovacos em Dobříš, uma cidadezinha a 50 km de Praga. Além de promover suas próprias obras, o romancista influenciou na publicação de outras. Esse foi o caso de *Os escravos*, de Castro Alves, coletânea sintomaticamente editada em 1951, ano da primeira edição tcheca de *ABC de Castro Alves*, com um prefácio de Jorge Amado e outro de Pablo Neruda. Essa época da vida do escritor aparece em *O jardim de inverno*, de Zélia Gattai, publicado numa tradução tcheca em 2011, e em *Navegação de cabotagem* (1992), do próprio Jorge Amado. Caracteristicamente, nenhum dos dois menciona o clima pesado daquela época e as tragédias políticas contemporâneas a sua estadia.

Na década de 1950 foi publicado um total de 15 traduções de livros brasileiros, das quais 12 de Jorge Amado. *ABC de Castro Alves*, *Jubiabá*, *Vida de Luís*

Carlos Prestes, O cavaleiro da esperança e *São Jorge de Ilhéus* inclusive chegaram a uma segunda edição. Já *Terras do sem-fim* recebeu duas traduções diferentes, em 1949 e 1953. Entre as três obras restantes apareceram ainda, além de *Os escravos* e uma nova tradução de *O cortiço* azevediano, o grande *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.

Paralelamente, seguindo outro modelo de divulgação, apareceram peças de teatro policopiadas que deviam servir de estímulo aos teatros socialistas. Em 1959 e 1960 surgiram em cadernos policopiados *Gonzaga ou a revolução de Minas*, de Castro Alves, *Os fantasmas*, *A muito curiosa história de virtuosa matrona de Éfeso* e *A raposa e as uvas*, de Guilherme Figueiredo — obviamente resultado do interesse do tradutor Vladimír Hvižďala, que acabou por se exilar em 1968. Seu exílio explica por que *A muito curiosa história de virtuosa matrona de Éfeso* e *A raposa e as uvas* ganharam, tempos depois, nova tradução. A censura do socialismo real não visava apenas certas obras, mas o apagamento de toda uma produção de certos escritores ou tradutores, sejam obras ideologicamente “nocivas”, ou completamente inócuas.

Outra particularidade interessante desse tempo, estranho aos padrões ocidentais, foram os números de exemplares publicados. Fechadas as editoras estabelecidas, o público tcheco estava carente de leituras novas. Em vista disso, a tiragem dos livros chegou a números que se tornaram lendários. A título de exemplo, alguns números:

Ano	Autor	Título original	Título tcheco	Exemplares
1948	Jorge Amado	<i>Mar morto</i>	Mrtvé moře	5 000
1949		<i>Jubiabá</i>	Jubiabá	4 500
1951		<i>Jubiabá</i> ²		15 000
1949		<i>Terras do sem-fim</i>	Země bez konce	5 500
1953		<i>Terras do sem-fim</i> ²		10 000
1950		<i>São Jorge dos Ilhéus</i>	Země zlatých plodů	42 000
1949		<i>Vida de Luís Carlos Prestes</i>	Rytíř naděje	15 750

Ano	Autor	Título original	Título tcheco	Exemplares
1952		<i>Vida de Luís Carlos Prestes</i> ²		15 000
1957	Aluísio Azevedo	<i>O cortiço</i>	Dům na předměstí	63 000
1959	Graciliano Ramos	<i>Vidas secas</i>	Vyprahlé životy	14 000

Tabela nº 1

ANOS 60: MAPEAMENTO SISTEMÁTICO DA LITERATURA UNIVERSAL

O sistema de mercado desfigurado pela ideologia reinante, juntamente com a dificuldade de publicar obras de muitos autores contemporâneos de perfil ideológico inaceitável ao sistema político, levou os responsáveis de algumas editoras a uma saída que, sem provocar o regime, permitiu enriquecer a cultura do país com livros de qualidade: a publicação dos “clássicos”. Na falta de uma literatura popular mais digestiva, o público geral teve que se conformar com romances românticos de José de Alencar, que substituíam os livros de suspense e enriqueciam a literatura infantojuvenil, ou com romances realistas e naturalistas, preferivelmente aqueles abordando a silenciada vida erótica de *Homo sapiens sapiens*.

Desde o início da década de 1960, a Odeon (originalmente SNKLHU: Editora Estatal de Belas Letras, Música e Artes), uma das editoras encarregadas da edição de títulos da literatura mundial, empreendia o mapeamento sistemático de obras representativas dos clássicos universais. Nesse momento, teve origem o sistema de dois pareceres independentes sobre as obras a serem publicadas: no início, os pareceristas, especialistas de confiança, deviam garantir a idoneidade política das obras publicadas, mas, progressivamente, tornaram-se uma garantia da escolha de obras de relevância incontestável. Foi nesse tempo que surgiu uma tendência que futuramente se transformaria em princípio de “dissidência invisível”: um tradutor interessado em apresentar ao público obras de valor conseguiu, muitas vezes, mediante estratégias diversos, atingir esse fim, mesmo se esse escritor fosse alheio à política cultural do momento. Dois pareceres positivos eram um dos subterfúgios possíveis.

Muitas literaturas estrangeiras se beneficiaram dessa situação para construir uma base sólida de conhecimento das obras do passado que, depois, ajudaram na contextualização das obras mais recentes, traduzidas posteriormente. Nesse momento, a literatura brasileira ressentiu-se da falta de tradutores tchecos competentes: ainda havia poucos profissionais com domínio da língua portuguesa, com preparação filológica para distinguir e interpretar as nuances do texto (algumas traduções possuíam valor apenas informativo) ou com capacidade de procurar e recomendar livros interessantes. Pelas mesmas razões, a literatura brasileira não aproveitou o *boom* da literatura hispano-americana como ocorreu em outros países europeus.

Na década entre 1960 e 1970, onze livros e três peças de teatro policopiadas foram publicados. Entre esses livros, merecem menção especial as prosas indianistas de José de Alencar, *Dom Casmurro* – único romance de Machado de Assis traduzido antes da virada do regime em 1989 – e uma antologia de poemas de Carlos Drummond de Andrade – único livro de poesia modernista traduzido até hoje. Em meio a essas publicações, há um caso especial: *Livro de uma sogra*. Sob o nome de um autor naturalista já conhecido, ficou contrabandeado um livro de leitura popular que fazia parte do projeto de Aluísio Azevedo de instrumentalizar a literatura como meio da sua subsistência. Esse, justamente enquanto literatura popular, caiu nas graças do público.

Ano	Autor	Título original	Título tcheco	Exemplares
1960	Machado de Assis	<i>Dom Casmurro</i>	Don Morous	10 000
	Jorge Amado	<i>Gabriela, cravo e canela</i>	Mulatka Gabriela	121 000 (2ª ed.: 1967, 20 000; 3ª: 1974, 50 000; 4ª: 1977, 60 000)
	Manuel A. de Almeida	<i>Memórias de um sargento de milícias</i>	Paměti policejního seržanta	15 000
1962	Aluísio Azevedo	<i>Livro de uma sogra</i>	Tchyně	10 000 (2ª ed.; 1970, 20 000)

Ano	Autor	Título original	Título tcheco	Exemplares
	Carolina M. de Jesus	<i>Quarto de despejo</i>	Smetiště	15 400 (2ª ed.: 1964, 11 000)
1963	Raul Pompéia	<i>O Ateneu</i>	Atheneum	5 000
1964	Herberto Sales	<i>O cascalho</i>	Tvrđý je diamant	13 750
	José de Alencar	<i>Iracema/Ubirajara</i>	Dva indiánské příběhy	5 000
1967	Carlos Drummond de Andrade	<i>Antologia</i>	Fyzika strachu	1 000
1969	José de Alencar	<i>O guarani</i>	Vládce pralesa	40 000

Tabela nº 2

Pouco a pouco, a abertura política e cultural ligada à Primavera de Praga levou às primeiras traduções de obras modernas bem complexas, como *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, ou *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector — ambos publicados apenas no início da década de 1970. Seria de esperar que fosse uma tendência longeva — se não tivesse havido a ocupação da então Tchecoslováquia pelos exércitos de cinco países do Pacto de Varsóvia, em agosto de 1968.

A “NORMALIZAÇÃO”: PERDAS E GANHOS NUMA ÉPOCA DÚBIA (1970-1989) OU O COMEÇO DA ERA DE PAVLA LIDMILOVÁ

O relativamente longo período a seguir “normalizou” as extravagantes regalias dos anos de 1960. Apesar da cassação das liberdades democráticas, nem todas as conquistas da década anterior sofreram um processo de retraimento. Apesar de muitas libações aos deuses ideológicos e dos limites políticos intransponíveis, nesse período foi possível publicar uma série de livros cujo valor não se limitava ao período normalizado. No interior desse intervalo,

observa-se uma transformação: o abandono dos clássicos em favor da literatura mais contemporânea. Conquanto os romances de Jorge Amado continuassem a sair em altíssimas tiragens (ver Tabela nº 2), são vozes diferentes que começam a suscitar o interesse do público mais culto.

Além disso, nos anos 60, entraram na cena cultural professores jovens e seniores, afastados do espaço público no período anterior, em que se aproveitara a abertura da década precedente para fomentar uma educação aberta e séria, evidenciando que o potencial do ser humano para criar soluções criativas não pode ser abafado. Os sete ou oito anos de liberdade relativa contribuíram decisivamente para que o novo patamar de qualidade, alcançado nos anos de 1960, fosse mantido, ainda que a muito custo.

Infelizmente, os regimes ditatoriais em Portugal e no Brasil nos anos de 1960 não favoreceram a formação de alunos com experiência direta nos dois países de língua portuguesa. Na ocasião, não havia livros novos nem sequer nas bibliotecas universitárias. O único acesso à literatura contemporânea desses países, afora os contatos pessoais, era realizado por meio das assim chamadas “opções” das editoras estatais, isto é, da oferta de títulos requisitados a editoras estrangeiras e a agentes literários. Como é óbvio, a condição para solicitar-lhes livros era o conhecimento de sua existência. Mesmo isso não era fácil num país cujo regime queria poupar os cidadãos do choque diante da observação de que o mundo fora do bloco do Leste possuía existência real.

Em que pese tudo isso, tanto nesse período quanto no seguinte, o papel decisivo na circulação de obras da literatura brasileira na Tchecoslováquia coube ao talento e à criatividade de uma só pessoa: Pavla Lidmilová (1932-2019). Formada em filologia tcheca e espanhola, entre 1971 e 2006 ela traduziu ou participou da tradução de 27 livros de literatura brasileira. (Fazem parte desse número nove livros de Paulo Coelho, cujos romances traduzia, com toda humildade, como um serviço a leitores que não tinham acesso à “alta literatura”.) Além disso, tornou-se a primeira tcheca a dominar os diferentes períodos da literatura brasileira desde seus começos até as obras contemporâneas. Sua contribuição nesse sentido não se limitou à recepção e ao conhecimento dessa literatura nacional, com traduções de livros inteiros e com dezenas de artigos sobre o assunto divulgados em periódicos. Também produziu posfácios e inúmeros pareceres destinados às editoras, recomendando a tradução de livros para serem efetuadas por pessoas menos orientadas.

Foi, por exemplo, o caso do livro *Cinco novelas brasileiras*, que Pavla Lidmilová organizou e posfaciou. Publicado em 1982, o livro reúne novelas de João Guimarães Rosa, João Antônio, Osman Lins, José J. Veiga e Clarice Lispector. O volume ganhou uma tiragem de 49 000 exemplares, mas constitui um marco por outra razão: é aí que aparecem as primeiras traduções da literatura brasileira por pessoas formadas em filologia portuguesa – 25 anos após a fundação da

disciplina. Lidmilová, que evitava dar aula de qualquer coisa que fosse, conseguiu mais uma vez fazer prevalecer sua ação intelectual sobre o sistema adverso, ao motivar pessoas desvinculadas da ideologia reinante a aplicar seus dotes em favor de literaturas lusófonas.

Entre 1971 e 1989, de um total de vinte traduções de textos de literatura brasileira, dez foram realizadas por Pavla Lidmilová. Nesse período surgiram também mais cinco peças de teatro policopiadas: entre outros, *Cangaceiro Lamião*, de Raquel de Queiroz, e *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Ainda hoje, sabemos pouco sobre as traduções efetuadas no campo do teatro, mas parece que se tratou de uma linha de interesse pessoal completamente diferente da tradução da ficção.

Ano	Autor	Título original	Título tcheco	Tiragem
1971	J. Guimarães Rosa	<i>Grande sertão: veredas</i>	Velká divočina	5000
1973	Clarice Lispector	<i>Perto do coração selvagem</i>	Blízko divokého srdce života	3000
1974	Lima Barreto	<i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>	Smutný konec snaživého Policarpa	2500
1976	Jorge Amado	<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	Dona Flor a její dva manželé	105 000
1977	Érico Veríssimo	<i>Incidente em Antares</i>	Incident v Antaresu	7000
1978	Aluísio Azevedo	<i>O coruja</i>	Sůva	5000
1982	J. Guimarães Rosa	<i>Dão-lalalão</i>	Dál – dál a dál	49 000
	João Antônio	<i>Malagueta, Perus e Bacanaço</i>	Paprika, Perus a Hezoun	49 000

Ano	Autor	Título original	Título tcheco	Tiragem
	Osman Lins	<i>Retábulo de santa Joana Carolina</i>	Retábl svaté Joany Caroliny	49 000
	José J. Veiga	<i>Os pecados da tribo</i>	Hříchy kmene	49 000
	Clarice Lispector	<i>Hora da estrela</i>	Okamžik pro hvězdu	49 000
1983	Jorge Amado	<i>Tieta do agreste</i>	Pasačka koz	63 000
	Jorge Amado	<i>Pastores da noite</i>	Pastýři noci	69 000
	Graciliano Ramos	<i>São Bernardo</i>	Statek São Bernardo	4000
1984	Lygia Fagundes Telles	<i>Antologia de contos</i>	Před zeleným bálem	3000
1985	Jorge Amado	<i>Velhos marinheiros / A morte e A morte de Quincas Berro D'Água</i>	Staří námořníci / Dvojí smrt Jáchyma O'Vejvody	25 000
1986	Murilo Rubião	<i>Antologia de contos</i>	Dům U červené slunečnice	4000
1989	Darcy Ribeiro	<i>Utopia selvagem</i>	Divošská utopie	3500
	Lygia Bojunga Nunes	<i>Corda bamba</i>	Maria se vrací do Ria	30 000

Tabela nº 3

APÓS A “REVOLUÇÃO DE VELUDO”: SOB O SIGNO DA DIVERSIFICAÇÃO

Entre 1989 e 1990, o contexto político-social mudou de forma radical. As fronteiras abriram-se à circulação de bens e pessoas, e surgiram as oportunidades de adquirir os livros estrangeiros e estabelecer contatos humanos. Pouco a pouco, novas editoras pipocaram, trazendo aos leitores tudo que a censura até então não barrava, desde os livros dos escritores tchecos proibidos e livros das ciências humanas até livros esotéricos, *best-sellers* norte-americanos e leitura trivial em geral.

Passado um curto período de cinco ou seis anos, quando a atenção das editoras e do público recaía nos livros até então vedados, as traduções de literatura brasileira entraram num ritmo regular de um ou dois livros por ano. Comparado com o período anterior, isso representa um significativo aumento da produção. Deixando de lado os 17 livros de Paulo Coelho, desde 1990 até 2020 foram publicados 37 livros traduzidos de literatura brasileira, se bem que alguns deles preparados para o prelo no período anterior (entre outros, Murilo Rubião, Machado de Assis, os contos de Clarice Lispector, 2ª edição revista do *Grande sertão: veredas*; ver Tabela nº 4). Em todo o período entre 1934 a 1989 saíram 48 livros.

O leitor tcheco ainda é leitor contumaz: segundo as pesquisas, lê mais de 12 livros por ano, o que é acima da média europeia; e 6,5 dos habitantes da República Tcheca leem mais de 50 livros por ano. Apesar disso e por razões óbvias, assistimos a um desmonte do antigo conceito do abstrato “leitor tcheco” que pressupunha uma quantidade tão baixa de livros de boa qualidade publicados no país que era possível lê-los todos ou uma boa parte. A literatura brasileira tem que procurar seu público no mercado onde há livros demais.

Ano	Autor	Título original	Título tcheco
1992	Marcelo Rubens Paiva	<i>Feliz Ano Velho</i>	Byl jsem daun
1994	Murilo Rubião	<i>Antologia de contos</i>	Nevěsta z Modrého domu
1995		<i>Antologia de mitos e lendas indígenas</i>	Poronominare
1996	Machado de Assis	<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	Posmrtné paměti Bráse Cubase

Ano	Autor	Título original	Título tcheco
	Clarice Lispector	<i>Antologia de contos</i>	Tajné štěstí
	VV. AA.	<i>Antologia de contos fantásticos</i>	Třetí břeh řeky
1998	Mário de Andrade	<i>Macunaíma</i>	Macunaíma
1999	Jorge Amado	<i>O sumiço da Santa</i>	Zmizení svaté Barbory
	Clarice Lispector	<i>Água viva</i>	Živá voda
2001	Rubem Fonseca	<i>Antologia de contos</i>	Černý román a jiné povídky
2002	Moacyr Scliar	<i>Os leopardos de Kafka</i>	Leopardi Franze Kafky
2003	João Guimarães Rosa	<i>Grande sertão: veredas</i>	Velká divočina: cesty
	Lygia Fagundes Telles	<i>Antologia de contos</i>	Temná noc a já
2004	Ana Miranda	<i>Boca do Inferno</i>	Peklo ráje
2005	Rubem Fonseca	<i>Vastas emoções e pensamentos imperfeitos</i>	Mocné vášně a nedokonalé myšlenky
2006	Hernâni Donato	<i>Contos dos meninos índios</i>	Děšť a jaguár
2008	Chico Buarque	<i>Budapeste</i>	Budapešť
	João Guimarães Rosa	<i>Buriti</i>	Burití
2009	Fernando Morais	<i>O mago</i>	Mág
2010	Inácio Loyola Brandão	<i>Zero</i>	Zero
	S. Sant'Anna	<i>Antologia de contos</i>	Noční let
	João Guimarães Rosa	<i>Dão-lalalão</i>	Dál – dál a dál
2011	Augusto Cury	<i>Vendedor de sonhos</i>	Prodavač snů

Ano	Autor	Título original	Título tcheco
	Zélia Gattai	<i>Jardim de inverno</i>	Zimní zahrada
2012	Mário Sabino	<i>Dia em que matei meu pai</i>	Den, kdy jsem zavraždil svého otce
	Milton Hatoum	<i>Dois irmãos</i>	Dva bratři
	Jorge Amado	<i>O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá</i>	Kocour Mour a slečinka Vlaštovička
2013	Castro Alves	<i>Gonzaga ou a Revolução de Minas</i>	Gonzaga, aneb Revoluce v Minas
2014	Vanessa Bárbara	<i>Noites de alface</i>	Tropické noci
2016	João Ubaldo Ribeiro	<i>Sargento Getúlio</i>	Seržant Getúlio
2017	Raphael Montes	<i>Dias perfeitos (traduzido a partir do inglês)</i>	Báječné dny
2018	Lima Barreto	<i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>	Smutný konec Policarpa Quaresmy
	Raphael Montes	<i>Jantar secreto</i>	Tajná večeře
2019	Bernardo Carvalho	<i>Reprodução</i>	Reprodukce
	Martha Batalha	<i>A vida invisível de Eurídice Gusmão</i>	Neviditelný život Euridice Gusmãové
2020	Bernardo Kucinski	<i>K. Relato de uma busca</i>	K. Příběh jednoho hledání

Tabela nº 4

Diversificação é a palavra que melhor define os trinta anos transcorridos. Já nos anos 1980 foram lançadas bases para dois cursos novos de filologia portuguesa nas universidades Masaryk em Brno e Palacký em Olomouc, o que abriu caminho para uma pluralidade de vozes e perspectivas. Não obstante, o número de tradutores de qualidade continua reduzido. Os 37 livros

publicados foram traduzidos, no total, por 15 tradutores, mas, observada em detalhe, a aparente pluralidade se mostra ilusória: 12 livros foram traduzidos ou cotraduzidos pela mesma pessoa, Pavla Lidmilová, a qual recebeu em 2005 o Prêmio Nacional pela obra da vida inteira. Apenas 7 tradutores nesses trinta anos verteram para o tcheco mais de um livro.

Dentro desse quadro geral podem-se discernir duas tendências.

A primeira, associada à academia, visa a introdução dos clássicos em tradução e edição fidedigna (Machado de Assis, Mário de Andrade, Lima Barreto). Em 2005, foi lançada, junto ao Departamento de Estudos Luso-Brasileiros da Faculdade de Letras de Praga, a série Biblioteca Luso-Brasileira, pela qual se publicaram até agora 14 volumes, seis dos quais brasileiros. Com o apoio financeiro diverso, desde as instituições brasileiras até os projetos de pesquisa tchecos, mantém-se a política editorial da antiga Odeon: cada livro consta de uma preparação cuidadosa e atenciosa do texto, em sintonia com o original; um estudo acadêmico sobre a obra em questão; e um panorama cronológico sobre o autor e seu tempo. Vlasta Dufková, tradutora de *Buriti*, de Guimarães Rosa, foi contemplada por esse *tour de force* com o Prêmio Josef Jungmann – o mais prestigioso a que pode aspirar uma tradução de obra individual.

A segunda tendência, manobrando entre a qualidade exclusiva e a rentabilidade financeira, escolhe entre os premiados escritores contemporâneos e procura atrair o interesse do público em colaboração com as grandes editoras, para as quais a literatura brasileira ainda parece um risco financeiro por causa de seu “exotismo”, risco esse até agora compensado pelo apoio financeiro das instituições brasileiras, notadamente a Biblioteca Nacional. A escolha dos livros traduzidos depende inteiramente do bom gosto do tradutor: o todo dá uma ideia da literatura brasileira que está longe de ser representativa. Nos últimos anos, surgiram novos tradutores que disponibilizaram novos autores, com inesperadas escolhas e gostos diferenciados, desde os *thrillers* de Raphael Montes a Vanessa Bárbara ou Martha Batalha.

Šárka Grauová é professora de Literaturas de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Carolina, em Praga, chefe do Departamento de Estudos Luso-Brasileiros e presidente da Sociedade Tcheca de Língua Portuguesa. Em 1988, publicou sua dissertação, Laurence Sterne e Machado de Assis: metamorfoses da forma livre. Defendida em 2012, sua tese dedicou-se à Tradução como fato cultural – caso George Steiner. Traduziu *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, *Macunaíma*, de Mário de Andrade, *Boca do Inferno*, de Ana Miranda, *Budapeste*, de Chico Buarque, e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Juntamente com outras três colegas, traduziu a *História da literatura brasileira*, de Luciana Stegagno-Picchio. Dirige a coleção Biblioteca Luso-Brasileira das editoras Torst e Triáda.